

**Entre ficção e realidade: A construção de um discurso anticomunista nas crônicas de Nelson Rodrigues (1967-1974)**

\*Carolina Bezerra de Souza

A outra, [grã-fina] com um olhar que me varou fisicamente, começou: - “Eu estava dizendo que o Exército Brasileiro nunca fez nada”. Pausa. Estão esperando a minha palavra.

Por que não dizer, inversamente, que na hora da decisão o Exército sempre fez tudo? A falsa “passionária” exigia: - “Quero os fatos.”

Mas vou dizendo as minhas verdades. Se não fossem os dragões, as esporas e os penachos, nós seríamos aqueles moleques de Debret que vendiam água à aristocracia do tempo. E a República? Perguntei-lhe: - “Já ouviu falar em Deodoro? Da estação, já ouviu?”

“Seria possível o movimento de 30 se excluíssemos os militares? E mais: - 35. A resistência contra os comunistas em 35 etc,etc,etc. E agora fazia-se a Revolução que as esquerdas não souberam fazer.

As esquerdas tiveram tudo: - poder, dinheiro, armas. Não fizeram nada. Minto: - fizeram o caos. E os socialistas que andam por aí têm apenas a vocação e a nostalgia do caos. A comunista rilhava os dentes: - “É preciso ser contra tudo”. Insisto, com a maior doçura: - “Portanto, se os fatos querem dizer alguma coisa, a senhora deve comemorar também a Semana do Exército Brasileiro. (RODRIGUES, 2008:15)

O trecho destacado faz menção a mais um sarau na casa das grã-finas, os quais, Nelson era frequentador assíduo se levarmos em consideração suas crônicas. Como em diversas *confissões*, a crítica às esquerdas perpassa a questão da ociosidade. Identificada ironicamente como a “falsa passionária”, uma possível referência à espanhola Isidora Dolorez Gomes, conhecida pela sua liderança comunista contra as tropas de Franco na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), a grã-fina seria uma das representações do que constitui a *esquerda festiva*, que ao questionar e lutar contra a presença do Exército brasileiro, não mostrava propostas contundentes e muito menos o resultado de ações. Para Nelson, as esquerdas ficariam apenas no campo das ideias, seriam incapazes de mobilizações populares.

O discurso de um país em pleno desenvolvimento também está inserido em suas *Confissões*. Para Nelson, sem os militares o Brasil continuaria enterrado no seu passado

---

\* Mestre em História Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

colonialista e subdesenvolvido, “como os moleques de Debret”. De acordo com o cronista, o Brasil vivia o seu grande momento como país e os principais responsáveis por tal avanço seriam os militares, principalmente, por estarem ligados à defesa da unidade nacional, rompendo com os avanços comunistas sobre o país; o prestígio internacional também era valorizado, assim como a presença de um líder, acima de tudo carismático e identificado com o povo brasileiro, como era Emílio Garrastazu Médici.

Escolher pesquisar todo o conjunto de crônicas que formaram a coluna *Confissões* durante o período de 1967 a 1974 permitiu um maior aprofundamento da obra jornalística de Nelson Rodrigues, trazendo um novo enfoque para as suas crônicas ao compreendê-las, principalmente, dentro de um contexto político. Embora exista uma quantidade considerável de crônicas publicadas, optou-se por pesquisar também as que ficaram de fora da seleção do autor e de Ruy Castro, justamente para procurar ao menos em parte, fugir da restrição que guiou o trabalho da grande maioria dos pesquisadores que trabalharam com a coluna.

Quando abordam o cronista na dimensão política, estas pesquisas tratam, sobretudo, de um personagem que é marcado pelo humor, assim como pela valorização do homem, compreendendo seu apoio ao regime civil-militar apenas a partir de uma ótica que sobrepõe a concepção de indivíduo de Nelson sobre suas escolhas políticas, deixando de valorizar sua coluna como formadora de um discurso político.

Um dia será necessário rever o epíteto de reacionário que o próprio Nelson se afixou. Na verdade, há muito de feroz ironia nesse qualificativo. Porque Nelson Rodrigues foi reacionário apenas na medida em que não aceitou a submissão do indivíduo a qualquer regime totalitário. Quando a pessoa humana for revalorizada, também desse ponto de vista ele será julgado revolucionário. (MAGALDI. Apud. MICHELS, 2008: 36)

A passagem de Magaldi buscou exaltar um Nelson Rodrigues que somente seria taxado de reacionário por ser um defensor do indivíduo e neste caso se colocar contrário um regime que coletivizava e restringia as liberdades como o socialismo, principalmente no período stalinista. Conquanto, suas defesas e constantes exaltações através de suas crônicas a um regime autoritário no Brasil ficariam de lado, como se não houvesse alternativas políticas para um homem que prezava pela liberdade humana.

Deste modo, a presente pesquisa busca inserir as crônicas nas batalhas discursivas do período, entendendo o humor como um importante recurso para a construção de discursos políticos. Em um cenário de intensas disputas políticas e de batalhas ideológicas feitas por meio de discursos linguísticos, iconográficos e simbólicos o autor representa uma esquerda brasileira caricata, beirando ao ridículo para então legitimar a presença de um governo salvador da pátria e dos valores morais.

Percebe-se, ao longo das crônicas, que até o fim Nelson mantém sua postura crítica às esquerdas brasileiras, assim como ao socialismo. Em nenhum momento cessou seus ataques, tornando-se desse modo, um dos principais intelectuais que combatiam os grupos de esquerda. Diante disso, teve seu nome rapidamente associado à direita. Como afirmou Zuenir Ventura em seu livro *1968 o ano que não terminou* Nelson Rodrigues e Gustavo Corção pareciam ser os únicos representantes da direita (VENTURA, 1988:76). Ou seja, é essencial considerar a importância que as crônicas assim como as declarações de Nelson Rodrigues tiveram para o período.

Ao ressaltar o Nelson em seu modo mais político, o anticomunismo ferrenho ficou ainda mais notório. Entretanto, o que se propõe é mostrar não apenas o diálogo com a ditadura, mas a sua participação na construção da legitimação do regime a partir do conteúdo literário ricamente construído num jornal de grande circulação. Nelson toma posição e desenrola em suas crônicas diversos dos debates políticos e culturais, priorizando o discurso do governo e fazendo de sua coluna um espaço de combate às esquerdas.

Ao nos determos às crônicas de Nelson Rodrigues, percebemos o quanto sua construção estava imbuída de um discurso anticomunista, presente em diversos setores da sociedade brasileira. A construção desses discursos, que representaram as esquerdas brasileiras como autoritárias, antinacionalistas e anticatólicas contribuíram para a legitimação da ditadura no Brasil, assim como, para a crença na necessidade da presença dos militares no governo. Trata-se de complexificar o *fantasma* que tanto amedrontou os setores conservadores da sociedade, permitindo o anticomunismo tornar-se argumento para o apoio aos regimes autoritários.

O historiador Rodrigo Motta defende que o sentimento anticomunista nasceu do medo e insegurança que os comunistas causaram nos setores mais conservadores da sociedade, que

embora fossem heterogêneos podem ser identificados também em três grandes matrizes. A tese de Motta compreende o anticomunismo a partir da ação ou da palavra dos grupos que estão em luta contra o comunismo. Embora se reconheça a diversidade existente entre esses grupos, tem-se a partir dessa convergência, uma “característica inerente a um movimento e ideário que se constituía em ser contra”, mesmo que na prática atuassem de formas distintas em relação ao adversário comum. Contudo, Mesmo com essa diversidade ideológica, de acordo com Motta podemos dizer que as “representações anticomunistas provêm de três matrizes básicas, catolicismo, nacionalismo e liberalismo” (MOTTA, 2002:18).

Torna-se então, interessante conhecer como esses discursos se fizeram presentes nas crônicas de Nelson Rodrigues.

Meu Deus, só a má fé cínica, ou a obtusidade córnea, ou ambas, podem negar a pavorosa infiltração comunista na Igreja e repito: - há uma massa de católicos que se fingem de católicos e continuam na Igreja para melhor destruí-la. (RODRIGUES. *O Globo*:17.03.1970)

O trecho destacado procura demonstrar o quanto o comunismo era apresentado nas *confissões* de Nelson como ameaça interna à Igreja Católica, principalmente com o surgimento de movimentos católicos progressistas que buscavam uma maior aproximação da instituição com os problemas sociais, afastando-se do combate ao comunismo ao priorizar a luta pelas reformas (MOTTA, 2002:24).

Defensor desse discurso, Nelson vai expor nas suas crônicas diversos termos e ideias identificadas como conservadoras. Aproximando esse grupo católico das concepções comunistas, o autor fez de sua coluna um espaço de oposição entre os “verdadeiros católicos” e os “cristãos marxistas”, como era pejorativamente chamada a “esquerda católica”. Entretanto, dentre esses termos, um que mais chama a atenção do leitor é o de “infiltração comunista”, visto que durante anos ele também foi largamente utilizado pela hierarquia da Igreja Católica.

Explorando o imaginário do leitor ao criar diversos personagens católicos, o autor os ridiculariza e faz do comunista um homem cruel porque é sem Deus, sem disciplina porque não segue uma ordem e nem respeita hierarquias. A Igreja e o Estado estariam, deste modo, certos em combater o *inimigo*, pois como citou em sua crônica: - “A batalha final se travará

entre comunistas e ex-comunistas. A Igreja não precisa de nenhum profeta. A sua batalha já começou.” (RODRIGUES. *O Globo*:05.04.1969).

Portanto, quando os grupos progressistas começaram a questionar alguns valores cristãos assim como a hierarquia eclesiástica, para Nelson, representava mais: significava a negação da palavra de Deus. Por isso, a atenção dada a esses grupos, que eram retratados da forma mais irracional e amoral possível.

É interessante ressaltar que, devido ao medo comunista partilhado por grande parte do clero, assim como por grande parcela da sociedade, o golpe civil-militar de 1964 foi permitido e aceito como uma medida salvadora. A preocupação em preservar a Igreja e a sociedade levou diversos grupos conservadores a defenderem a presença dos militares no poder. Diante disso, as aclamações ao regime foram notórias, as Marchas da Vitória exemplificaram o apoio ao golpe, resultando na ruptura democrática (PRESOT, 2010:71). Para esses grupos, os militares estavam representando a defesa da família e dos valores cristãos em contraponto ao *mal comunista*.

O imaginário comunista permitiu então a defesa de um discurso legitimador do golpe civil-militar. Participando desse debate político, Nelson Rodrigues contribuiu através de sua coluna para a propagação desse “medo”:

D. Aniceto age e reage como se nada tivesse acontecido. Devia agradecer aos milhares brasileiros que evitaram, no Brasil, a tragédia espanhola. Realmente nada aconteceu na consciência dos que preferiram a anti-Igreja. O que o Governo tem impedido é que o terrorismo se instale em certas áreas da Igreja. E se D. Aniceto reclama maior liberdade para pregação religiosa, está simplesmente caluniando o Governo nas próprias barbas do Governo. Diga o superior geral onde quando, no Brasil, as nossas autoridades impediram um padre de celebrar missa, ou de confessar, ou de dar a extrema-unção? Cite um caso, não dois, mas um único caso de intolerância religiosa. O que não se admite é que padres possessos continuem na Igreja para melhor destruí-la. (RODRIGUES. *O Globo*:06.05.1971)

Note-se que o trecho acima foi escrito no ano de 1971, portanto, ele não faz mais parte dos discursos que apoiaram o golpe e sim dos que legitimaram a permanência da ditadura, mesmo o país vivenciando “os anos de chumbo” durante o período do governo Emílio Garrastazu Médici.

A partir da crítica aos setores progressistas da Igreja católica, Nelson Rodrigues criou diversos personagens, que ficaram amplamente conhecidos dos leitores. Dentre eles, podemos falar do padre de passeatas. Figura emblemática de suas crônicas, esse personagem representava os padres progressistas, que para além dos muros das Igrejas e conventos, se preocupavam também com as questões sociais. Por isso, o envolvimento de alguns membros do catolicismo nessa direção, e até mesmo ao lado de militantes de esquerda, vão levar Nelson Rodrigues a criticar essa mudança que, para ele, ia de encontro aos pressupostos religiosos tradicionais. Portanto, o “padre de passeata” é essa nova figura da Igreja, que larga sua missa e seus afazeres institucionais para ir às passeatas, lutar por melhorias, criticar o governo e defender causas que antes só diziam respeito ao Estado.

O autor procura ressaltar a ideia de que esses novos grupos progressistas não seriam católicos, apenas se colocariam como tal para poderem se imunizar das perseguições do governo a grupos de esquerda. Esses padres teriam como prioridade ir às passeatas ao mesmo tempo em que negariam as missas e os sacramentos da Igreja: “Na semana passada, dizia-me um padre de passeata: - “Como é chata a confissão! Por que é que não acabam logo com esse treco?” Perguntei: - “E a extrema-unção?” Fez uma boca de nojo: - “O que interessa é a justiça social”(RODRIGUES. *O Globo*:02.09.1970).

A representação de uma Igreja Católica de esquerda feita nas suas crônicas não se desvincula das criações ficcionais que outrora eram feitas nos teatros, contos e folhetins. Ao construir personagens caricatos dos católicos progressistas, Nelson continuava mantendo o mesmo tom de fabulação, envolvendo o leitor numa constante que variava entre ficção e realidade, bastando muitas vezes a verossimilhança para alcançar a sua crítica. Construindo seus personagens em meio ao que Sábato Magaldi chamou de uma “realidade prosaica”(MAGALDI, 2010), entendendo que é a partir do cotidiano que Nelson controlou seus personagens, o cronista também passa a influenciar nessa realidade, principalmente se levarmos em consideração a importância intelectual que o autor já tinha quando começou a escrever a coluna Confissões no jornal *O Globo*.

Assim como os padres de passeata, outros personagens também vão aparecer na coluna com o mesmo objetivo: caricaturar os setores progressistas da Igreja. Mantendo o mesmo tom de fabulação, temos a “freira de minissais”, em referência as freiras progressistas,

chamadas de “moderninhas” pelo jornalista e o Palhares, “o canalha” das páginas de Nelson Rodrigues sendo um dos principais representantes dessa “Igreja pra frente”.

Contudo, se ora eram identificados como o “padre de passeatas” e a “freira de mini-saias”, outrora tinham seus nomes expostos: Padre Camilo Torres, Madre Maurina, Padre Ávila e congregações como a dos dominicanos.

Nelson Rodrigues passa a debater em *Confissões* os conflitos que se travam entre progressistas e o Estado. Com um discurso muito próximo ao das autoridades, Nelson critica uma série de figuras católicas que tinham posições contrárias àquelas dos militares e muitas vezes apoiavam grupos guerrilheiros, caso de grande parte dos dominicanos. A partir de 1969 esses padres passaram a ser personagens constantes da coluna do cronista, caracterizados como “padres rebelados”.

Por outro lado, para além de suas criações literárias, vemos em suas crônicas a representação de dois proeminentes atores ligados ao catolicismo progressista: D. Hélder Câmara e Alceu Amoroso Lima. Sendo os personagens que mais aparecem em suas *confissões*, o cronista vai atacar essas lideranças católicas, dando continuidade às críticas outrora feitas aos padres e madres que estavam se opondo ao autoritarismo do Estado e levando para a instituição os conflitos sociais e políticos pelos quais o país passava. As representações que foram feitas sobre eles fizeram parte do imaginário da época, legitimando uma posição de ataque difundida pelo governo militar e largamente debatida nos jornais, onde setores conservadores e reacionários apoiavam as perseguições aos religiosos e criticavam posturas progressistas como a dos atores citados.

A importância que o arcebispo tinha, tanto para a Igreja quanto para a sociedade, incomodava Nelson Rodrigues. O autor via em suas atitudes o desvirtuamento da fé e o abandono das concepções tradicionais da Igreja. Para Nelson, o padre preferia dedicar-se aos problemas sociais e políticos, relegando o exercício tradicional da fé a segundo plano. Ganhando diversas páginas de *Confissões*, as representações de D. Hélder deixam de ser apenas ligadas ao humor e passam a nutrir um tom agressivo, que, embora não deixe completamente de lado a comicidade, partiam para o ataque.

Quanto Alceu Amoroso Lima, as construções caricatas que são feitas do intelectual nas crônicas, também tem como grande objetivo desqualificá-lo. Representado como

Lawrence das Árabias, personagem do cinema que passa a ter prazer em matar<sup>1</sup>. No filme da década de 1960, Lawrence é um personagem em transformação. Se inicialmente é leve e bem humorado, no decorrer das cenas passa a ser marcado pela morte e pelo prazer em matar, transformando-se em um homem de aspecto pesado, sedento pela guerra e destruição, cujo objetivo principal passa a ser o poder. Comparando a personagem ao Dr. Alceu, podemos fazer referência às mudanças ideológicas pela qual o intelectual católico se submete no decorrer dos anos.

A partir da análise das crônicas, percebe-se que os debates proferidos por Nelson Rodrigues fizeram parte de uma cultura política que enxergava o catolicismo progressista como um desmembramento dos avanços comunistas sobre o Brasil. Diante disso, Nelson criticou e desmoralizou nas páginas dos jornais esses grupos que procuravam alternativas ao autoritarismo que também se fazia presente na instituição eclesiástica, contribuindo, deste modo, para a legitimação da permanência dos militares no poder.

Quanto ao nacionalismo, ele pode ser considerado uma matriz anticomunista à medida que entende-se a nação por um viés conservador, “como um conjunto orgânico, unidade superior a qualquer conflito social”, que enfatizaria a “defesa da ordem, da tradição, da integração e da centralização” e valoriza o povo brasileiro em união ao seu território e ao Estado, como um “objeto sagrado”. Em contraponto, os comunistas eram tratados como ameaça à essa nação ao serem representados como um grupo que enfatizava mais as noções de classe que a unidade nacional e defenderem uma concepção de nacionalismo que denunciava o imperialismo ao mesmo tempo em que procurava o fortalecimento do Estado, o que foi desqualificado pelos anticomunistas, que os acusavam de falsos nacionalistas, e até mesmo, “nacionalistas russos”(MOTTA, 2002: 29).

Essas questões foram constantes em suas crônicas, a vinculação dos comunistas ao Estado soviético levou Nelson a criticar as esquerdas, acusando-as de antibrasileiras, antinacionalistas e distantes das causas políticas e sociais do Brasil. Tais argumentos condiziam com o pensamento anticomunista presente no país, que procurava focar na personificação do comunista, criando sobre ele a figura do “estrangeiro, do alienígena, em

---

<sup>1</sup> Lawrence das Árabias. Direção: David Lean. Roteiro: Robert Bolt e Michael Wilson. Reino Unido: 1962. Cor. [216min].

outra palavra, do outro”, como se houvesse uma distância entre o homem comunista e o Brasil, o que procurava causar um estranhamento para deslegitimar suas atitudes e concepções. (MOTTA, 2002: 34)

A ociosidade dos grupos de esquerda era constantemente retratada nas páginas de Confissões. Partindo dos mesmos recursos linguísticos utilizados para criticar os católicos progressistas, o cronista buscava no deboche e na ironia os meios para caracterizar os militantes de modo pejorativo. Representados como um grupo constituído pelas classes dominantes, as esquerdas tinham suas atitudes revolucionárias ridicularizadas. O cronista enfatizava um comportamento boêmio e utópico de suas ações. Um discurso que culminou para o autor, na denominação de “esquerda festiva”, ou seja, um grupo, sobretudo, composto por jovens, que faziam da sua ideologia uma pose, uma autopromoção que era vista nas praias e nos botecos ideológicos. Moradoras da zona sul do Rio de Janeiro, as esquerdas nada conheceriam sobre o povo, se restringiam nas suas crônicas a freqüentar a praia do Leblon pela manhã e, no mesmo bairro, o Antônio's a noite, este último, o principal exemplo de “boteco ideológico” – “lugar onde as esquerdas vão gorjear seus palavrões” (RODRIGUES, 2007:133).

O escritor se debruçou sobre essa questão e construiu em suas confissões uma esquerda que aparece em sentido de oposição aos reais interesses do povo. Para o cronista seria mais fácil para elas voltar-se para as utopias revolucionárias dos projetos políticos distantes do Brasil que encarar os reais problemas que assolariam o país. Tem-se a partir dessa representação, uma esquerda que ficaria só no campo das ideias, sendo insignificante a capacidade de ação para despertar o povo, até porque apresentavam através das crônicas, interesses divergentes. As esquerdas seriam para o cronista a própria negação da pátria, seriam o “anti-Brasil”, o “anti-povo”.

É importante acrescentar, que se antes as crônicas de Nelson criticavam a postura passiva e festiva das esquerdas, que sempre se manteriam à distância dos enfrentamentos diretos, a partir do momento que os projetos de luta armada ganharam espaço, a crítica também continuou, mas de outra forma. Não houve nenhuma valorização em relação ao enfrentamento que a partir de finais de 1968 ocorria entre parte dos membros das esquerdas. Entende-se então que existia um discurso ambíguo nas crônicas, ora elas menosprezam a

passividade e outrora elas criticam a ação dos grupos de esquerda, tratando esses grupos como terroristas.

Durante anos, para o cronista, as denúncias aos possíveis abusos do governo não passavam de uma “campanha de difamação” do Brasil, que não estariam integrados com o projeto desenvolvimentista valorizado pela ditadura, sendo os militantes, retratados como “maus brasileiros”.

Deste modo, percebemos que as esquerdas eram representadas nas crônicas como o anti-Brasil, seus projetos revolucionários eram ligados ao comunismo soviético e desprezados das questões nacionais. Por outro lado, os militares seriam a representação da defesa da unidade nacional, estariam ligados aos projetos desenvolvimentistas que visariam o crescimento do país e, ao mesmo tempo, garantiriam a ordem e a permanência da moral e dos bons costumes em contraponto aos processos de transformações sociais e políticos que estariam ligados às concepções internacionalistas dos comunistas.

A partir disso, ganham destaque nas *confissões*, suas aproximações com Médici, que são apresentadas em diversas crônicas do período, sem o menor pudor em fazer uma representação enaltecida de um ditador. Pelo contrário, exaltava-se a grande figura do General, que a todo tempo era identificado como um homem do seu povo.

O discurso nacionalista e patriota também atuava como legitimador para a permanência dos militares. O cronista procurava ressaltar a importância que Médici dava às questões brasileiras, contrapondo a sua exaltação ao ditador exatamente à sua principal crítica às esquerdas: o antinacionalismo.

Para Nelson, a chegada dos militares ao governo, representou a época do Brasil revolucionário, como os próprios exaltavam nos discursos oficiais. O Brasil atrasado teria ficado para trás, junto com as esquerdas e àquele brasileiro desacreditado de outrora. Portanto, podemos ver nas crônicas um discurso muito próximo daquele defendido pela ditadura, que a partir de uma intensa propaganda, como também de um plano econômico que atendeu grande parte de setores da elite e da classe média, possibilitou o desenvolvimento do país, repercutindo num intenso sentimento otimista, que contribuiu para o apoio de um regime autoritário.

Os militares representariam o país grande, em desenvolvimento, teriam como proposta o reerguimento do prestígio internacional do país, como o próprio Ato nº 1 destacava; enquanto que as esquerdas sempre degradavam-no com as “acusações” de tortura. As denúncias que eram feitas sobre o governo em outros países, simbolizavam para o cronista o antipatriotismo destas esquerdas, como vimos.

Para legitimar o governo, procurou-se retratar as esquerdas de modo pejorativo. Além da ridicularização através da criação de personagens caricatos, o cronista encontrou nos discursos ofensivos, os meios para desqualificar os projetos revolucionários das esquerdas.

Através das *Confissões* de Nelson Rodrigues percebemos até aqui o quanto o escritor procurou criticar e desqualificar os projetos políticos da esquerda brasileira. Sempre representadas como um grupo alinhado aos interesses soviéticos, questionou-se, entre outras críticas expostas neste trabalho, a falta de compromisso com os postulados de liberdade. Novamente fazendo parte das batalhas discursivas da época, o cronista, até mesmo de um modo simplista, como veremos, caracterizou o socialismo como um regime que não respeita as liberdades do homem, fazendo deste, o “anti-homem”, conforme expôs em sua coluna.

Suas crônicas criticavam em exaustão o discurso de liberdade das esquerdas, restringindo-se na maior parte das vezes, ou até mesmo na sua totalidade, a acusações simplórias ao reproduzir chavões da época, que eram feitos através das “denúncias vagas” acerca da “tirania” e “escravização” na Rússia, o que para Motta era o comportamento da maioria dos liberais. Vagos em suas denúncias, não conseguiam demonstrar críticas contundentes ao socialismo, que, segundo o autor demonstrava a fragilidade do anticomunismo liberal.

Para o autor, o marxismo estaria permitindo o aparecimento, em número cada vez maior, dos idiotas e dos canalhas, representado nas crônicas, como exposto nos capítulos anteriores, por Palhares. O crescimento dessas figuras era aceito diante o prestígio de um regime que era incompatível com o ser humano, desprezava Deus, o sentimento e, sobretudo, o amor, ao só enxergar o ódio que, diante uma “causa”, não tinha restrições para matar: “A Rússia mata de fome, punitiva, doze milhões de camponeses. Mas foi uma nobilíssima matança. Fez isso em benefício das próprias vítimas, da humanidade, e da liberdade e do futuro.”(RODRIGUES. *O Globo*: 22.05.1969).

Contudo, por outro lado, não aparecem nas crônicas as tensões políticas que existiam no Brasil. Não havia referência às arbitrariedades praticadas pelo regime que torturava; explicitava-se somente sua simpatia com o governo e seus ditadores, sem explorar o caráter autoritário da ditadura que minava cada vez mais as representações políticas da sociedade. Diante disso, Nelson constrói uma visão simplificada da política brasileira, em que não se apresentavam alternativas para um defensor das liberdades como ele. Quem estivesse contra o comunismo, tinha que estar a favor do regime, o que usou para justificar seu apoio à ditadura até o fim, salvo algumas críticas.

Se aproximou a velha senhora. Começa: - “O senhor, bem?” Meu riso está parado, esperando. Continua: - “Como é que você, Nelson, é da extrema-direita?” Faz um suspense, pergunto vermelho: - “Sou da extrema-direita?” E ela: - “Da extrema direita e, portanto, inimigo do povo.” Quero achar graça: - “Ainda por cima inimigo do povo?” Nova pausa. Mas como ela devia o resto, continuei esperando. Mas simplesmente o resto não veio. Como ela só queria me chamar de extrema direita, de inimigo do povo, estava satisfeita. E afastou-se, triunfante. Pouco depois, eu a vejo, num canto, cochichando para um grã-fino que não acreditava em coronel. (RODRIGUES. *O Globo*: 19.11.1961)

O diálogo descrito na passagem acima dá início à crítica de Nelson que o levou a assumir posições tidas como de direita pelos grupos da esquerda brasileira, como representada no trecho pela “velha senhora”. O cronista ressaltava, ainda, a falta de argumentos das esquerdas para lhe chamarem de “extrema-direita” e mais ainda por acusarem-no de “inimigo do povo”, o que lhe causou espanto, afinal, para o autor, o que ele defendia era exatamente os interesses do povo, que estavam sendo cada vez mais negados pelas esquerdas. Os assassinatos de milhares de pessoas em Moscou mostravam a despreocupação com essas vidas, o que era descrito nas suas crônicas com horror. Da mesma forma, o desrespeito com o homem que tirava do indivíduo a sua condição de livre.

Percebe-se que sua crítica perpassava a questão dos direitos do homem. Justificava sua posição política em contraponto à ausência de direitos civis nos países comunistas. Assume-se como reacionário, usando como retórica a acusação das esquerdas. Para ele, eram elas que colocavam os limites na política. Se não estivesse com elas, estaria contra elas, portanto, à direita e, sobretudo, reacionário, na concepção mais clássica do conceito.

Mais uma vez, retomando a crítica que foi analisada ao longo da pesquisa, o seu discurso é de ataque às esquerdas, acusando-as de desumanas a partir do autoritarismo praticado nos países comunistas, que retirava a autonomia do indivíduo. Então é a partir desse ponto - o de não concordar com um regime político que cerceava as liberdades humanas - que o autor se colocava ao lado dos setores da direita, ou seja, só se assumia como um homem da direita ao agregar um valor positivo, compreendendo as esquerdas como o “sujo, reles e indigno”. Para Nelson, apenas por ser contrário às atitudes das esquerdas, entendidas como um grupo homogêneo, era apontado como um homem reacionário. Para ele, foram elas, as esquerdas, que lhe cunharam o adjetivo. Deste modo, não compreendia suas posições políticas próximas das direitas. As exaltações aos militares em suas crônicas, assim como o ataque rígido aos setores de esquerda seriam apenas uma resposta à desumanização praticada pelos comunistas.

A partir das questões que foram trazidas para o artigo, percebemos o quanto as crônicas de Nelson Rodrigues podem servir para compreendermos os diálogos que se estabeleceram entre Estado e sociedade que permitiram o apoio de parcela significativa de civis ao autoritarismo do regime civil-militar.

### **Referências Bibliográficas**

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.

REIS, Elisa Pereira. *Sobre a cidadania*. In.: *Processos e escolhas: estudos de sociologia política*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998

RODRIGUES, Nelson. *O Óbvio ululante: primeiras confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

RODRIGUES, Nelson. *A Cabra Vadia: Novas Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007

RODRIGUES, Nelson. *O Reacionário: memórias e confissões*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In.: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.